



REVISTA PALETA

nº 1, ano I, outubro 2021.

Panorama da Arte Potiguar



O Festival Cores do Interior homenageia Antônio Roseno, artista de Alexandria, que viveu e faleceu em São Paulo, e está presente nos museus de Arte Bruta da Europa.

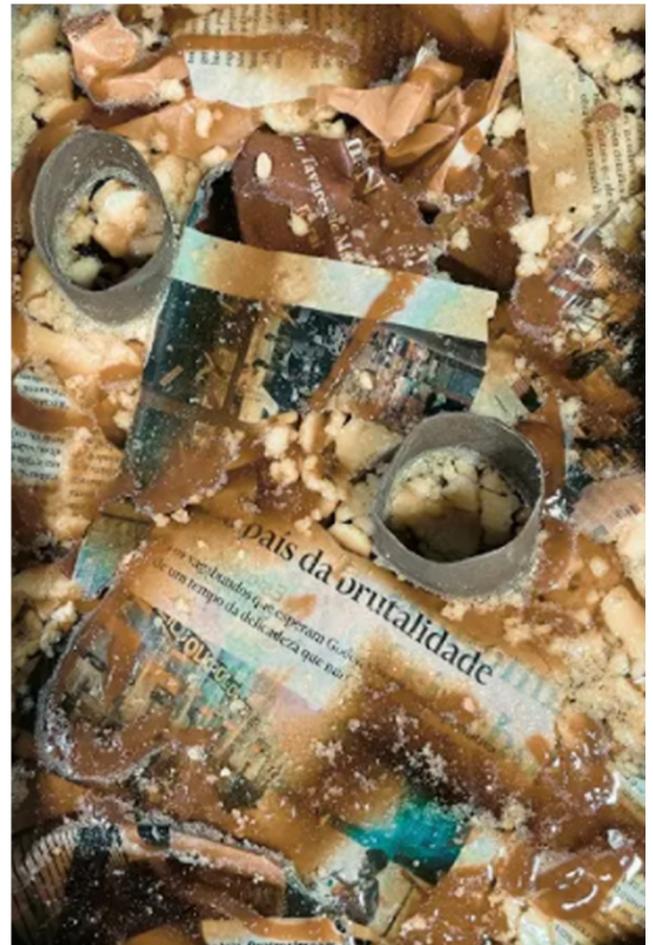




Rio Grande do Norte/2021



Alfredo Neves
Teófilo Otoni/MG
"O Poeta mergulhado
nas letras" - Técnica:
acrílica, óleo vegetal,
recorte de papel, urucum,
gotejamento de tinta a óleo,
com impressão em Canvas
Museu - 80x50cm



Alfredo Neves
Teófilo Otoni/MG
"O país da brutalidade"
acrílica, óleo, recorte,
urucum, gotejamento,
em Canvas
75x50cm

Páginas feitas de bytes e bits



Eis que surge a Revista Paleta, parte integrante do site www.amigosdapinacoteca.com.br. Uma revista que nasce para enriquecer ainda mais os caminhos da arte e da cultura do Rio Grande do Norte e, por que não dizer, também do Brasil, um país que sempre respirou cultura e criou tantos movimentos como o Modernismo e o Tropicalismo.

A Revista Paleta continuará a trilhar o mesmo caminho dos Amigos da Pinacoteca, tendo à frente na sua produção novos colaboradores que terão a missão de propagar as Artes Plásticas num estado que sempre reverberou cultura, passando por nomes como Newton Navarro, Iaponi Araújo, Joseph Boulier, Dorian Gray Caldas, Abraham Palatnik, Tomé Filgueira e tantos outros da rica e profícua cultura potiguar.

Os Amigos da Pinacoteca, nas pessoas do Iaperi Araújo, Dione Caldas, Isaura Amelia, Geruza Camara e tantos outros amigos, têm agora um veículo para a manutenção permanente da propagação desse ideal de divulgação dos nossos artistas norte-rio-grandenses, bem como servirá para a abertura de mais um espaço para tratar de cultura e das artes em geral.

Que recebamos Paleta de olhos atentos e mãos hábeis no manuseio deste novo tempo digital para digerirmos as suas páginas feitas de bytes e bits neste tão fascinante mundo virtual.

Obrigado.

Alfredo Neves
Editor



ETELANIO - Os Netos, Seu Dix-sept e Dr. Neto, 2021, técnica mista: óleo, acrílica, têmpera e pigmentos naturais como os antigos, 120x100 cm.

Faz nascer PALETA

Isaura Amélia

A reunião de 150 artistas de todas as regiões do Estado nos Salões CORES DO INTERIOR e 6º SALÃO DORIAN GRAY nos estimula a dar mais um passo.

Sob o comando de Alfredo Neves, a Sociedade Amigos da Pinacoteca Potiguar faz nascer a revista PALETA que traz em si, voltado para as redes digitais, o espírito do diálogo, do debate, do respeito às divergências, apontando para as convergências, bem como a divulgação dos fatos, exposições e acontecimentos ligados às cores, escalas, escolas, tendências, estilos, desenhos, enfim, expressões artísticas tão inerentes e necessárias ao homem.

Pois bem, desejamos vida longa à Paleta!

E que venha fortalecer as artes visuais potiguares

Isaura Amélia
Gestora Cultural

Amigos da Pinacoteca

Diretor Executivo
Iaperi Soares de Araújo

Diretora Administrativa Financeira
Ana Neuma Teixeira de Lima

Diretor Técnico
Antônio Marques de Carvalho Júnior

Secretária Executiva
Maria Geruza Soares Câmara

Contador
Ramires Martins de Sousa

Conselho Fiscal
• Emanuel Ferreira do Nascimento
• Daniel Melo de Lima Martins
• Rosa Maria da Costa
• Felipe Fernando N. M. Nascimento
• Cláudio Marque Alves

Editor da Revista Paleta
Alfredo Neves

FICHAS CATALOGRAFICAS Infinita Imagem

Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Rio Grande do Norte – SEBP/RN

A498p Amélia, Isaura,(org). Bezerra, Katherine, (org). Pereira, Deilson, (org).

Panorama da arte Potiguar. /Isaura Amélia, (org). Katherine Bezerra, (org.),
Deilson Pereira, (org.). – Natal : SAAP, 2021.
76 p. il.: Fotos Vanessa D'Oliveira. (Coleção Amigos da Pinacoteca , v.10)

ISBN: 978-65-994983-1-2

1. Arte – RN. 2. Arte Potiguar – Artistas potiguares

2021/09

CDD: 775
CDU: 775

Curadores
Dione Caldas - Cores do Interior
Manoel Onofre - VI Salão Dorian Gray

Organização do Catálogo Panorama do
Auto Potiguar
Isaura Amélia
Joana Nogueira Germani
Katherine Bezerra
Deilson Pereira

Diagramadores
Diogo Araújo
Helito Honorato

Fotografias
Acervo dos artistas
Vanessa D'Olivier

Assessoria de Imprensa
Sérgio Lima



CAPA: Daniel Macedo - Natal - "O passeio da onça Celeste" - Acrílica sobre tela - 40x40cm



CONTRACAPA: Kátia Fleischmann - Gov. Dix-Sep Rosado
"Caravana Sertaneja" - Escultura - 72x52cm

PANORAMA DA ARTE POTIGUAR

Organizadores
Isaura Amelia, Katerine Bezerra,
Deilson Pereira

COLEÇÃO



10

Rio Grande do Norte
2021

Programação do Festival Cores do Interior

25/05 às 20h - Instalação do Festival Cores do Interior - Live: Conferência ministrada pelo Professor Dr Geraldo Porto, UNICAMP-SP. Tema: Arte Bruta de Roseno: de Alexandria para o mundo. Canais: Museu Câmara Cascudo e Facebook SAPP

22/06 às 20h - Lançamento da exposição virtual Cores do Interior mostrando a diversidade da criação artística do RN e VI Salão Dorian Gray.

29/09 às 17h00 - Abertura do Salão Cores do Interior e VI Salão Dorian Gray.

- Lançamento do Catálogo Impresso e entrega aos participantes das Exposições. Local: Teatro Lauro Monte Filho, Mossoró/RN.

09/12 às 18h30 - Abertura do Salão Cores do Interior e VI Salão Dorian Gray.

Local: Fundação José Augusto, Natal/RN.

Sumário

1. Apresentação

Iaperi Araújo

2. Amigos da pinacoteca: um movimento cultural

Antonio Marques

3. Roseno: do mundo para o Rio Grande do Norte

Geraldo Porto

4. FESTIVAL CORES DO INTERIOR

Diego Souza - É ao futuro que endereço esta reflexão.

Dione Caldas - Eternizando o efêmero.

5. VI Salão DORIAN Gray

Manoel Onofre - Atingimos a maturidade

Apresentação

Japeri Araújo

Não há coisa mais importante para a cultura de um país do que o resgate das obras de criação intelectual do seu povo mais humilde. Lá estão registrados os temores, as vivências, o fabuloso e o encantado.

Também a alma do povo, transcendendo inclusive o imaginário. O real, cotidiano de sofrimentos e perdas é o conhecido. Teses de Sociologia e Etnografia.

O domus sendo abrigo de poucos e pobres sonhos, sonhados nas redes de dormir que como estandartes de pobreza, enfeitam o interior das casas entaipadas, onde a luz dos candeeiros se confunde com a luz da lua que perpassa os espaços da folhagem seca que lhes serve de teto. Mesmo assim, vivendo a pobreza absoluta, a beleza pode sobreviver.

E sai dos sonhos, das alucinações, dos pensamentos que são sofrimentos, da espera metafórica de uma outra vida de menos males e sofrimentos.

Aí se refugiam os sonhos. Sua materialização faz nascer a herança ancestral do criador. Interpretações de visagens, alucinações de vivências. O espaço limitado dos quadros não é finito, pois abrange também o cotidiano do sofrer. Ultrapassa com força o limite do espaço onde é criada.

Tanta coisa não dita por não terem palavras, mas como o homem primitivo, são expressas em figuras e cores. Nos desenhos rupestres dos homens primitivos, se confundem o real e o imaginário, a crônica do acontecido, os desejos e as alucinações dos sonhos.

Sobrevivem na arte popular. A desproporção reporta aos sonhos e ao bestiário imaginário. As cores fortes impõe-se para a dominação do campo de sua arte para a formar.

A sua criação artística e a ocupação dos espaços para sua arte, antepõe-se ao latifúndio de que não lhe é de direito. A arte popular é indefinida.

Parte da arte rupestre, pintada nos lajeiros de pedras e nos locais de rituais místicos se torna contemporânea no registro das paredes das casas, nos painéis de bares e mercearias, nos estandartes de festas e na criatividade do povo que não tem limitação de espaços.

A temática é sempre vivência e aí repete o gesto ancestral dos primitivos habitantes das cavernas, que registravam nos espaços das paredes de pedra das grotas a crônica de suas vidas. As caças, os rituais de cura e de iniciação, as viagens, as caças, as ilusões e sonhos. Em algumas dessas pinturas, nota-se desenhos de estranhos seres que se parecem com viajantes do espaço.

Na verdade, são guerreiros com suas máscaras rituais celebrando a fertilidade dos campos e a vitória nas guerras.

O homem primitivo pintava com poucas cores. Eram as disponíveis nos ferrosos, nos terras, negros e rubros. O artista popular contemporâneo também sente a mesma limitação. Na maioria das vezes usam anilina ou esmalte sintético e com essas cores conseguem criar mundos e alucinações numa tentativa ágrafa de registrar sua história.

Dois artista potiguares são marcantes nessa criação: Antonio Roseno (1926-1998), que mesmo nascendo em Alexandria, RN fez toda sua carreira como artista a partir de 1961 em Campinas, São Paulo e Maria do Santíssimo (1890-1974), que viveu toda sua vida em São Vicente no Seridó potiguar. A insistente necessidade de registrar o cotidiano em suas pinturas são comuns.

Em Antonio Roseno, era tanto a pintura em todo substrato possível de recebê-la, quanto a fotografia, sua paixão. Não se revelou como fotógrafo do insólito cotidiano das poses nos jardins públicos, das festas de casamento ou de aniversário, mas nas pinturas de personagens de sua admiração como Santos Dumont e a série de presidentes do Brasil. Completava seus retratos com frases que se repetiam em quase todos os seus quadros, muitas vezes no verso, sempre escrevendo que suas pinturas foram fundadas em 1961 e seu desejo de ser pássaro. Tinha uma consciência de que aquilo era arte, o que diferenciava de outros artistas da arte in situ. Pobres habitantes dos espaços marginais das periferias das cidades, que não se rendiam ao simples e corriqueiro “lutar pela vida”, trabalhando nos campos ou como serventes de pedreiros, nos mais humildes ofícios dos homens.

Antonio Roseno era diferente. Vivia numa favela da periferia, mas almejava a valorização de sua arte. Tinha a consciência de que produzia alguma coisa que para ele era arte. Mesmo ágrafo, sentia a necessidade de escrever alguma coisa nos seus quadros para que todos entendessem sua criação. Sem saber escrever, pedia a alguém para copiar seus textos num papel, que ele copiava compondo suas criações artísticas. Maria do Santíssimo era diferente. Vivia na rua principal de sua cidade, mas mesmo seu marido sendo proprietário de terras e comprador de algodão, castanha de caju, mamona e maniçoba, sua vida era humilde e caseira. Tomava conta das coisas da casa. Fazia refeições rústicas e, nas horas vagas, trancava-se na sua camarinha que mesmo durante o dia era muito escura e com lamparinas a querosene e velas nos oratórios, fazia suas orações e quando podia, na mesma semiescuridão pintava seus vasos de plantas, cajueiros, galos, pavões e pintassilgos ocupando todo o espaço das cartolinas como uma perdulária de um extenso latifúndio de criações.

Iaponi, meu irmão, indo morar no Rio de Janeiro, levou alguns trabalhos da artista para mostra-los a alguns críticos. Carlos Cavalcanti, Roberto Pontual, Clarival do Prado Valadares, Geraldo Edson de Andrade, Walmir Ayala e José Roberto Teixeira Leite, que sofreram o mesmo impacto de Geraldo Porto ao descobrir Roseno numa favela de Campinas.

Havia vida entre os mais humildes, os ágrafos e os isolados dos conceitos etnográficos de cultura e saber. Claro que havia. A dicotomia entre a arte dita civilizada, conceitual, produzida sob cânones e a arte espontânea, livre, inesperada e transgressora fora sempre responsável por esse distanciamento. Somente os intelectuais que se dedicavam ao estudo da cultura popular e que conheciam as pinturas rupestres, valorizavam essa arte bruta e in situ.

A Sociedade Amigos da Pinacoteca vem desde há algum tempo promovendo os Salões Dorian Gray de Artes e ampliando seus espaços sob inspiração de alguns exemplos notáveis de artistas extremamente criativos ainda vivendo na miséria cultural, sem meios de sobreviver, mas insistentemente criando. Foi ampliando sua atuação e buscando nas cidades do interior os criadores do obscuro e os transgressores de sua miserabilidade.

Esta exposição Cores do Interior é uma ação de busca dos talentos em mais de 100 cidades. Não é um resgate, mas um garimpo das pérolas da arte bruta, da explosão de criatividade do povo potiguar que à maneira dos povos primitivos que aqui chegaram entre 9 e 11 mil anos antes de nós, mesmo vivendo de forma sofridamente humilde, recriavam seus sonhos na materialidade das paredes das grotas, deixando para as gerações futuras o testemunho de sua capacidade de criar mesmo na extrema adversidade.

Natal/2021

***Iaperi Araújo**, médico, escritor e artista. Da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Presidente do Conselho Estadual de Cultura e da Sociedade de Amigos da Pinacoteca (RN)

Amigos da Pinacoteca: um movimento cultural

Antônio Marques*

Quero expressar a minha alegria de escrever a todos os artistas, aos meus amigos e conterrâneos que participam deste catálogo sobre as mostras, simultâneas, de arte: Festival Cores do Interior e o VI Salão Dorian Gray de Arte Potiguar.

Não me cabe aqui falar sobre a importância de cada um dos artistas participantes, quase todos meus amigos, seja porque os conheci na UFRN, na qualidade de professor; como marchand ou mesmo como incentivador de nossa arte.

Mas, cabe-me falar sobre a importância do “movimento” que os dois Salões encerram, no cenário artístico do nosso estado. A “Sociedade Amigos da Pinacoteca”, ao longo dos últimos 7 anos tem assumido um papel de destaque, convocando salões, concedendo prêmios e promovendo divulgação de nossos artistas dentro e fora do estado.

Não sou propriamente um artista, mas gosto de teorizar, isto é, de articular ideias. Ou seja, considero-me um estudioso dos fenômenos artísticos. Portanto, se vamos questionar a importância deste grupo/movimento, tomaremos por base eventos similares ocorridos ao longo da História da Arte.

Podemos começar pela Europa, na passagem do século XIX para o século XX, época em que o Academicismo (lato sensu) perde seu público cativo para o Impressionismo. Naquele momento, os artistas que viviam isolados, trataram de se reunir para defender suas propostas; e, pouco a pouco, entraram em um clima de contestação e, sobretudo, de intercâmbio criativo. Em síntese, foi isso que fez germinar a formação de um Movimento Estético (o Impressionismo) que, além de proporcionar troca de conhecimento, trouxe para todos os seus membros a conquista de um reconhecimento social indiscutível.

No meu entender, nenhum artista é uma ilha. Ele precisa estar em comunhão, em harmonia com os outros. E esse grupo - Amigos da Pinacoteca - tem se firmado com a dedicação de todos e, particularmente, com o entusiasmo e a generosidade da professora Isaura Amélia que vai, em breve, implantar a Pinacoteca de Mossoró com o acervo de sua coleção de arte.

Na verdade, comecei dissertando sobre movimentos europeus. Mas, se abordarmos a realidade brasileira, podemos fazer o seguinte questionamento: o que foi o Movimento de Arte de 22, realizado em São Paulo? Sem dúvida, foi igualmente a congregação de amigos que passaram a trabalhar unidos com as mesmas propostas, em formato de ateliê de arte. Esse movimento coletivo trouxe para a Arte brasileira uma dinâmica que o artista isolado não conseguiria alcançar. E, com toda certeza, marcou definitivamente a estética - inclusive a identidade nacional.

Podemos também nos voltar para o passado de nossa cidade, Natal/RN, e tentar articular algumas ideias: na passagem de 1948/49, Newton Navarro, sozinho, fez uma exposição que se chamou “Primeiro Salão de Arte Moderna”. No ano seguinte entrou em contato com Dorian Gray e Ivon Rodrigues, convidando-os para uma exposição coletiva, no antigo casarão da Cruz Vermelha, nas proximidades do Grande Ponto. O sucesso do evento foi total. Sacodiu a cidade. Mobilizou a imprensa com a participação de importantes intelectuais da terra, como, por exemplo, Câmara Cascudo, Américo de Oliveira, Zila Mamede, Veríssimo de Melo, Deifilo Gurgel e muitos outros, inclusive, vale destacar, a grande presença da multidão anônima.

Atualmente, podemos afirmar que aquela exposição consolidou, definitivamente, a entrada do Modernismo no cenário das artes visuais do estado. A primeira mostra de Newton Navarro teve, sem dúvida, um caráter de pioneirismo. Mas, o movimento artístico só ocorreu quando houve uma mobilização coletiva, com admiradores, contestadores, adeptos e seguidores. Isso só aconteceu em 1950, quando os três artistas já citados apresentaram à cidade do Natal a grande Coletiva de Arte Moderna, que selou a ruptura definitiva com o Academicismo e gerou inúmeros desdobramentos como veremos a seguir:

Em 1957, dentro do novo clima do Modernismo, vieram os “Jogos Olímpicos do Verão” (um salão de arte), realizado pela Aliança Francesa. Na ocasião se deu a revelação de três pilares de nossa Arte: Túlio Fernandes, Leopoldo Nelson e Thomé Filgueira.

Nos anos de 1960, o administrador público Djalma Maranhão foi figura marcante e aglutinadora. Preconizou a valorização da Arte popular: de Chico Santeiro às danças e autos do Povo - e tudo foi prontamente incorporado pela nova estética potiguar.

Nos idos de 1960, Natal já mantinha - embora esporadicamente - uma conexão com o eixo Rio/São Paulo, daí porque rapidamente também se consolidou entre os potiguares a Arte Concreta, o Poema Processo e a primeira Feira de Arte do Rio Grande do Norte, articulada por Ilma Melo Diniz e Dorian Gray. Na ocasião, saíram com destaque de premiação Carlos José (pintura e desenho) e Ziltamir Soares/Manxa (talha em madeira). Aplausos e contestações vieram no bojo de novos movimentos, com destaque para as exposições do SESC, do Movimento Kaos e muitos outros que apontavam sempre para um mundo mais novo: o da Arte Contemporânea, da qual a maioria dos nossos artistas está hoje igualmente articulada.

Não vou citar os novos nomes que agora se multiplicaram velozmente. Não é hora para um julgamento de valores individuais. Todos os selecionados são excelentes. Todos em busca do fortalecimento do grupo/movimento e do seu lugar ao sol. Sem dúvida, cada um, individualmente, merece o “prêmio”. O catálogo das mostras que foram debatidas em nossos encontros, registra por ordem alfabética o nome e a obra de todos os participantes - e vai funcionar como prêmio simbólico para o enriquecimento do portfólio de cada um, ou ainda, como um passaporte intrasferível para a longa viagem artística dos anos vindouros. “Navegar é preciso”.

Encerro minhas palavras, lembrando mais uma vez que a própria História da Arte nos ensina que o artista só é grande dentro do “Movimento”. Os primeiros passos foram dados corretamente. Agora, vamos aguardar o sol brilhar para todos.

Agosto/2021

Antônio Marques é Professor aposentado da UFRN, marchand e membro da diretoria da Sociedade Amigos da Pinacoteca.

Roseno: do mundo para o Rio Grande do Norte

Geraldo Porto*

Conheci Roseno em 1988 e, dez anos depois, ele morreu, em 1998. Foi um encontro consolidado pelo acaso. Eu estava visitando uma exposição de arte natalina, sem muito compromisso intelectual, em Campinas (SP), em numa galeria pública municipal. Era uma exposição de arte primitivista, de arte naïf, sem muitas pretensões, na qual artistas e artesãos da cidade estavam mostrando seus trabalhos a preços bem populares. Passeando pela exposição constatei que muitos eu já conhecia. Não havia nada de novo, nada chamava a minha atenção ou me impressionava.

Eis que, de repente, algo me chamou a atenção. Vi um trabalho do Roseno e fiquei muito impressionado. Afinal, quem era aquele cara? Eu não o conhecia, mas de imediato passei a admirar sua pintura. Estava diante de uma figura, de um carro de boi grande de um metro por 50 centímetros mais ou menos. Uma pintura muito crua, muito pura, muito ingênua e muito original. Quis examinar melhor o trabalho. Aliás, uma coisa que sempre faço para analisar os quadros é olhar a parte de traz. Quero saber como foi feito, qual o material, para entender um pouco o objeto. Quando virei o quadro, vi um monte de escritos, informações, orações, endereços, textos meio poéticos. Fiquei assustado e muito impressionado. Nunca tinha visto isso na minha vida! Alguém colocar tanta informação atrás de um quadro!

Pensei comigo, esse artista é muito especial. Ele faz uma coisa que ninguém está fazendo, muito diferente, ele se expõe, se mostra de uma forma muito forte. Curioso, fui até a secretaria do Museu para descobrir um pouco mais. Fui informado que, na verdade, o artista sempre vinha acompanhado de sua esposa até a Secretaria de Cultura. E a pessoa me disse: "Eles vêm aqui, um casal de velhinhos, ao museu, e trazem uma sacola de feira cheia de quadrinhos, sempre querem expor, mas nunca dá certo, ninguém dá muita atenção". Acrescentando que, como estava ocorrendo aquela exposição natalina, de Arte Naïf, ele fora chamado para expor. Então, eu consegui também o endereço dele. Era numa favela.

Foi o lugar mais pobre, até então, que eu tinha entrado em toda a minha vida. Um barraco miserável, chão de terra, cheio de buracos, tábuas velhas, sem luz elétrica, uma coisa absurda. Havia umas mesas lotadas de papeis, o barraco cheio de bichos dentro de casa, gatos, coelho, galinhas. Era como se eu tivesse chegado em outro planeta. E no meio daquele cenário, Roseno! Um homem que era de uma simpatia inacreditável. Como se fosse uma criança, super sorridente, muito doce, cheio de sinceridade, pureza e inocência. Fiquei muito impressionado e foi, imediatamente, uma grande história de amor. Ele ficou muito surpreso com a minha visita, me tratou muito bem e eu saí de lá pensando que me encontrara com um ser humano de uma dimensão inacreditável. Foi muito emocionante. É claro que logo naquela primeira visita eu quis comprar alguma coisa, porque gostei de tudo e disse que ele era maravilhoso.

A partir daquele momento, passei a visitá-lo com frequência. Conversávamos muito, estabelecemos uma relação de amizade e de parceria. Passei a comprar seus trabalhos. E quando tive que fazer a dissertação de Mestrado, decidi que seria sobre ele.

Sucesso na primeira exposição

Logo depois organizei uma exposição das obras de Roseno em São Paulo, numa galeria muito importante à época. Foi um sucesso enorme. Teve cobertura da mídia nacional, televisão, página inteira da capa da Folha Ilustrada, que era referência cultural no Brasil no início dos anos 1990. Todo mundo lia a Folha Ilustrada, a imprensa enlouqueceu com aquele artista; quando o conheciam, a simpatia, a pureza, a inocência daquele ser humano era uma coisa impressionante. Todos se encantavam! A primeira exposição foi um sucesso absoluto. Dela temos muitas lembranças, muitos textos, muitos registros, temos muita coisa para falar.

Escrito nas estrelas

Antes daquela exposição natalina, em Campinas, ele pintava há 30 anos e nunca tinha vendido um único quadro. Eu fui o seu primeiro comprador. Olhando através do tempo, me sinto como um “enviado” que foi até aquela exposição só para poder encontrar os trabalhos de Roseno e me apaixonar. E ainda para estabelecer a parceria e o estudo, dos quais até hoje são objeto de observação e motivo de discussões artísticas. Sabe essas conjunções astrais? A hora certa no lugar certo? Algo como “escrito nas estrelas”? Foi exatamente esse “encontro” entre o imigrante nordestino, Roseno, e o professor da Unicamp, Geraldo Porto, que o fez conhecido no Brasil e fora do Brasil.

Roseno foi muito bom para mim também. Além de descobrir um artista, um objeto de pesquisa, um assunto para a tese, ele foi uma luz na minha vida. Um alento. Porque a arte contemporânea que é o meu ambiente, na Universidade, é um ambiente muito árido. Aqui ele era dominado, acho que em todos os lugares, nos anos 1960, 1970, 1980, pela arte contemporânea, arte conceitual, uma arte muito dura, que não tinha - e continua sem ter - o lirismo, o ingênuo, o popular que Roseno encarnava.

Em busca do El Dorado

Roseno saiu de Alexandria, no Rio Grande do Norte, com mais ou menos 20 e poucos anos. Lá, deixou uma mulher e filhos. Provavelmente foi para São Paulo viajando de pau-de-arara, em busca do mesmo que muitos nordestinos faziam, tal qual meu pai o fez: encontrar o sonhado El Dorado do Sul.

Para sobreviver e não morrer de fome ele começou a fazer doces e a vender na Estação da Luz. E, passados alguns anos, ele conhece Soledade, com quem viveu até o fim da vida.

A cidade grande era uma terra estranha para ele. Era o lugar que ele tinha vindo para trabalhar; um lugar da busca de dinheiro: de correria; cruel e duro. Ele se orgulhava de suas origens. Tinha absoluta consciência de que era nordestino, sabia disso o tempo todo. Sempre registrava a sua cidade natal Alexandria nos seus trabalhos. O Rio Grande do Norte era como o paraíso perdido, a infância que desapareceu, um lugar mitológico, um lugar onde ele foi feliz.

Por esses dias, eu estava pensando nisso, que Roseno nunca mais voltou ao Nordeste, à sua Alexandria. O turismo no Nordeste é caro, quase como ir para a Europa. No caso do meu pai e de Roseno eles nunca mais voltaram.

Quer dizer, de certa maneira ele está voltando agora. Graças a esse trabalho da Sociedade Amigos da Pinacoteca. Quanto anos depois que morreu? Trinta anos depois. Hoje eu tenho certeza de que este é um retorno, pelo carinho que vejo em vocês. Vocês que representam a alta cultura do estado, sei que para ele, seria uma honra enorme esse reconhecimento.

Verbete de dicionário

O reconhecimento ao seu trabalho alçou voos para além do Brasil. E para mim foi uma benção tudo isso acontecer. Roseno está citado no livro L'ART BRUT de Lucienne Peiry, editado pela Flammarion, de Lousane, na Suíça.

Essa obra é uma referência mundial. Uma espécie de bíblia da arte bruta. E há um fato incontestável de que a autora demonstrou todo seu apreço por ele, foi colocando-o na capa do livro. É a figura de um bêbado pintado por ele, com vários olhos, uma coisa extraordinária. E isso fez com que nosso artista se tornasse uma referência internacional da arte bruta.

Conheci Lucienne num Museu na Suíça, onde ela era diretora e já especialista nessa área da arte naïf. E ainda nutro a ideia de convidá-la para conhecer o Rio Grande do Norte, a terra-natal de Roseno.

Um diploma para chamar de seu

Retomando o tema inicial, relembro como Roseno que fazia doces, cocadas e vendia na Estação da Luz em São Paulo, se tornou um profissional da fotografia. Ele viu um anúncio, ou parece que alguém disse a ele que havia um curso de fotografia e assim ele o fez. Na época em que o conheci, havia no barraco dele, um quadro na parede, que ele mostrava com muito orgulho pois era o diploma do curso de fotografia. Era uma folha sulfite sem logotipo, logomarca, sem qualquer identificação que atestasse que Roseno fizera algum curso de fotografia no período de tanto a tanto. Mas, lembro que tinha o registro do bairro da Liberdade. Acredito que ele fez um curso qualquer, de como tirar uma foto e de como revelar. Aprendeu tudo, adorou e era muito encantado com o diploma e com a profissão que aquele papel - e todo seu esforço - lhe conferiram.

Ele era muito orgulhoso daquela profissão. No meu entender eu acho que ele pensava que chegara aonde queria, que era aprender alguma coisa, ser um profissional e ganhar respeito. Por um tempo, a fotografia lhe proporcionou isso. Foi um encontro com a felicidade. Agora, na minha interpretação a fotografia era a ascensão, era um sonho de profissionalização. Ele tinha várias máquinas fotográficas e eram bons equipamentos. Ele viveu mais ou menos - não tenho a conta exata - por uns 20 anos de fazer fotografia. E para ele foi uma benção. Tinha até um cartão de visitas com o nome dele, no qual se via escrito "fotógrafo" e oferecendo os serviços de fotos para batizados, casamentos e festas. Eu tenho um cartão desses, que ele distribuía com muito entusiasmo.

Além disso, ele também anunciava seus serviços de fotógrafo em placas espalhadas pela cidade. Tenho alguns exemplares como "Campinas, Bairro Três Marias, Antônio Roseno de Lima, Fotógrafo, Estado de São Paulo".

Fato é que para além do artista que reconhecemos, Roseno queria ser um comerciante, vender, ganhar a vida. Galeria de arte não era o mundo dele. Ele queria vender o que fazia para sobreviver.

Quadros e letras poéticas

Mas ele ultrapassava esse conceito, digamos, de mera sobrevivência, quando ele agregava poesia às suas obras. Nos seus quadros, sempre tinham dois coraçõezinhos e duas frases. Uma espécie de frases de sua vida. Assim como se fosse "Ordem e Progresso" na bandeira do Brasil. Ele escrevia um monte de coisas nas pinturas e nas fotografias, mas essas duas frases ele sempre registrava. Na verdade, como ele não sabia ler, eram outras pessoas que escreviam para ele, a troco de bala ou de pinga, frases como: "eu sou uma pessoa que nunca tive amor na vida".

Essa expressão era uma falácia. Porque ele deixou uma mulher e cinco filhos em Alexandria. E ainda tinha Soledade. Os filhos dele, já crescidos, foram ao seu encontro em São Paulo. Salatiel, o mais velho, acho que ficou com sua casa e os seus pertences.

Soledade, que foi a mulher dele daqui de São Paulo, ele a conheceu na época dos doces e só se separaram quando ele morreu. Formavam um casal perfeito. Tiveram uma história de amor deslumbrante. Eram preocupados um com o outro. Havia muito carinho, polimento e educação no relacionamento dos dois. Eles eram, como se diz, "unha e carne". Até se desentendiam, mas eram acima de tudo companheiros. Soledade era uma mulher muito forte. Chegou a ser presidente da Associação dos Moradores da Favela.

Roseno também tinha uma ligação muito forte com os animais e com as crianças. Aliás, ele era uma criança: a inocência, a pessoa desarmada, a ternura, o sorriso fácil. E os bichos, os gatinhos, os coelhinhos, os pássaros faziam parte de seu universo particular.

Até hoje ainda me surpreendo com as obras dele. Recentemente, me deparei com uma seguinte frase em um de seus quadros: "Saudade não quer dizer que estamos longe, mas que um dia estivemos bem juntos". Eu o tinha há tanto tempo e nunca tinha lido essa frase.

Roseno gostava de colocar informações adicionais aos seus desenhos. Por exemplo, quando ele pintava uma onça, ele escrevia a palavra onça. É costume nas obras dele ter informações esclarecendo do que se trata. E essa é uma forma peculiar e única. Eu desconheço na história da arte um pintor que além de pintar a Mona Lisa ainda escreva Mona Lisa. Ninguém faz isso.

Habilidades que precedem a pintura

Soledade dizia que Rosendo fazia colheres de pau quando ainda morava no Nordeste. Ele nunca me confirmou isso. Mas, assim sendo, eu imagino que ele começou com escultura como tradição nordestina, o ex-voto, a colher de pau, objetos utilitários. E tem muito sentido. Na mala ele já trazia essas duas habilidades, o doce e a escultura. Analfabeto, que sequer sabia assinar o próprio nome, ao chegar em São Paulo, ele vê nessas habilidades a possibilidade de sobrevivência.

Verdade que a pintura só chega tempos depois. A base foram a escultura, o doce e a fotografia. Essa última foi uma verdadeira reviravolta. Quando ele consegue chegar até aquele curso, assistir aulas e prestar atenção em alguém que passa a lhe ensinar alguma coisa, aquilo foi muito importante para ele. Ele chamava o professor de fotografia de “espanhol”. Mas eu imagino que fosse uruguaio ou argentino. Eu tenho a foto dele com esse professor.

O curso de fotografia foi, para Rosendo, a coisa mais importante que fez na vida. Ele se transformou num fotógrafo, ele aprendeu a tirar fotografia, aprendeu a revelar e a ganhar dinheiro. A fotografia era tudo para ele. Ele não se considerava um pintor, sim um fotógrafo.

Tem uma coisa que eu adoro relembrar é do caderno dele; quando aprende a escrever o próprio nome: Antônio Rosendo de Lima e passa a escrevê-lo centenas de vezes, repetidamente. Aquilo foi uma vitória para ele, como muitas outras que se sucederam.

Dedos sujos de tinta e de esperança

Mas, a vida foi levando-o para outros caminhos. Mais velho, ainda muito pobre, doente, numa favela, vendendo pinga para sobreviver, a fotografia foi ficando para trás porque ele não tinha mais condições de atender às exigências do mercado. Eu imagino que ninguém queria comprar suas fotografias, porque não tinham acabamento, a revelação era malfeita, um pouco tosca para as expectativas de mercado, com a chegada da tecnologia japonesa, isso nos anos 1980. Não tinha como concorrer. E é aí, que ele vai se tornando um pintor. Com 50 anos, vivendo toda aquela situação difícil, quando já quase não havia esperanças, ele resolve pintar.

E como isso foi possível? Ele catava coisas no lixo: latas, papelão, dentre outros materiais. Com uma tesoura, ele abria as latas de óleo, já era coisa da cabeça dele, e ia criando. Faz o chassi de caixa de fruta, prega uma cartolina, um papelão, faz um desenho, faz um quadro para vender. Faz isso durante muitos anos. Como disse antes, durante 30 anos, sem conseguir vender um único quadro, até chegar naquela exposição coletiva. Até nosso encontro. Uma história trágica, com lampejos de esperança.

Reconhecimento na imprensa

O fato de eu ser da Universidade e de ter um certo currículo, me dava acesso a grandes galerias. Um marchand de São Paulo chamado Ricardo Trevisan, da Casa Triângulo, uma grande galeria de Arte Contemporânea de São Paulo nos anos 1990 – e ainda o é até hoje – viu uma grande instalação que fiz de arte contemporânea e quis saber de quem eram aqueles dois quadrinhos que faziam parte dela. Tinham sido feitos por Rosendo. Ele estava, assim como eu anos antes, encantado e queria conhecer o artista. Fomos direto na favela e ele também se apaixonou por aquele seu jeito único de ser. A partir disso, foi feita uma grande exposição e teve um sucesso enorme.

Rosendo já estava no final da vida. Ele ficava muito feliz quando se via na televisão, quando alguém da favela dizia que o tinha visto na Globo ou quando alguém levava um jornal e mostrava, “olhe aqui você no jornal”. Ele ficava muito feliz com esse reconhecimento. Essa felicidade acho que eu consegui propiciar. Ele teve um reconhecimento enorme no final da vida, e dizia como quem tem uma epifania: “parece que eu cheguei em algum lugar”.

Louco é quem me diz

Ele escolhia um tema. Vaca, por exemplo. Daria para falarmos horas e horas sobre o porquê que ele escolheu vaca como tema. Mas se você perguntasse isso a ele, ele respondia, “é porque eu gosto de leite”, ponto. E a Soledade confirmava, Antônio adorava leite. Aliás, ele tem um quadro que é um copo de leite. Então ele colocava uma frase: “A vaca é a mulher do boi?”. E insistia: “vaca não é a mulher do boi?”. Os motivos, as inspirações de Rosendo eram a vaca, a onça, a capivara, o passarinho, dentre muitas outras.

Alguns jornalistas, inclusive, escreveram na imprensa a alusão de um certo desequilíbrio mental, por parte dele. Mas ele não gostava desse rótulo. Até Soledade comentava que ele tomava muito remédio, que tinha alguma coisa na cabeça. Foi então que ele começou a escrever nos trabalhos, além das frases que já abordamos aqui, coisas como “sou um homem muito inteligente”. Nos últimos trabalhos além das frases “sou uma pessoa que nunca tive amor na vida” e “queria ser um passarinho para conhecer o mundo todo” ele passou a escrever, “sou um homem muito inteligente”. Na verdade, penso que ele estava passando a mensagem: não me chame de louco.

Os presidentes do Brasil compõem uma série bem interessante de pinturas feitas por ele. Essas figuras estavam numa enciclopédia onde tinham também os poetas brasileiros, os engenheiros importantes, dentre outros nomes. Na hora de pintar, ele se confundia. Pintava um presidente, um poeta. O inventor Santos Dumont era o maior herói da vida dele. Quando morou em São Paulo, residiu na Rua Santos Dumont. E para ele, o homem que inventou o avião era muito importante. Um dos sonhos dele era andar de avião, mas não conseguiu realizar esse sonho. Tinha aspirações de passarinho, para voar e conhecer o mundo todo.

Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, ele pintava como um objeto religioso. Sagrado. Sua ideia era de que as pessoas ao comprarem estariam comprando um objeto religioso, para rezar.

Também pintava reminiscências. A barraca do coelho é um exemplo disso. Sabe-se que havia nas antigas quermesses uma série de casinhas, e se soltava um coelho para que ele entrasse numa dessas casinhas. O número da casinha onde o coelho entrasse era o do ganhador. Brincadeira antiga.

Teve uma época que o dinheiro do país mudava muito e as notas ficavam sem valor. Ele colocava em quadrinhos. A nota deixa de ser dinheiro e passava a ser um objeto estético. É um desenho muito bonito. Teve uma nota com a imagem de Câmara Cascudo

A imagem do bêbado, que consta no L' Art Brut é uma imagem popular. Eu me lembro na década dos 50's/ 60's, por trás do balcão de alguns bares, tinha na parede, um homem com vários olhos e estava escrito assim, “acho que bebi demais”. Era uma brincadeira, uma piada. Era uma referência de humor. Rosendo pintou muitos bêbados. Talvez ele pensasse que todo bar poderia comprar um. Acabou sendo a imagem mais conhecida dele, e tornou-se a capa do livro sobre a arte bruta publicado na Suíça e editado em outros locais como França, dentre outros.

O acervo que o RN não conhece

As obras de Rosendo estão em algumas coleções. A mais importante é a da Unicamp, que tem um Centro de Memória bem respeitável, muito bem cuidado, com arquivos dos principais fotógrafos de Campinas. É a coleção que destaco como mais rica, melhor, maior, enfim, a mais importante. Também tem a doação que fiz para a Suíça, a coleção de Arte Bruta. Eu tenho uma coleção muito grande dele. Inédita. Preciosa. Quem sabe, possamos mostrar no Rio Grande do Norte, seria muito honroso.

Uma arte com múltiplos nomes

Quando você fala Arte Bruta, ou seja, uma arte muito primitiva, vamos entender como não lapidada. Os americanos chamam de outsider art. Não tem nada a ver com bruta. Quem é o outsider? É o pária? O marginal? O fora da lei? O excluído? Bom, eles traduzem arte bruta como outsider e eles usam uma outra expressão também que é o raw que quer dizer "crua". Muitas outras expressões vão se chegando, desde a arte primitiva, primitivista, ingênua, tem uma bem complicada, a arte insita, a arte do instinto, do consciente, do inconsciente. Outra expressão muito clássica: arte virgem.

Enfim, é todo mundo tentando construir um conceito para entender o que fazem estes artistas. É muito interessante procurar. Estamos procurando a verdade, a verdade da infância, da necessidade da expressão humana. A verdade da arte, a verdade da beleza, enfim, estamos procurando o máximo. Estamos procurando Deus.

Para além do Brasil, Nordeste, Rio Grande do Norte, a arte de Roseno é o encontro, o entendimento do ser humano com outro ser humano e o que há de mais profundo em nossas almas. E, sim, claro, a história de Roseno é a história do Nordeste, do Brasil, do ser humano. E por isso que ela é uma história universal.

SP - Julho/2021

***Geraldo Porto** é professor aposentado da UNICAMP e artista plástico



AMIGOS DA
PINACOTECA

- APRESENTA -

Festival

CORES

do interior





Heldene Santos - São Miguel do Gostoso
"Pescador de Bronze" - Fotografia - 80x80cm

É ao futuro que endereço esta reflexão

Diego Souza*

Diante do generoso convite para escrever sobre o “Festival Cores do Interior”, invariável não pensar a partir do nosso “lugar de fala”. É, portanto, atravessado pela história e crítica da arte, e sobretudo como pesquisador, que situo aqui a minha contribuição, ao mesmo tempo em que penso sobre as contribuições desse tipo de exposição no universo das artes visuais no estado.

Particularmente imagino a pesquisa do futuro historiador da arte quando se debruçar sobre o material deste catálogo, visual e, portanto, teórico, crítico e histórico. Dessa forma – como se possível fosse outro destinatário – é ao futuro que endereço estas breves reflexões.

Mais uma das iniciativas da Sociedade Amigos da Pinacoteca, que vem construindo uma tradição no âmbito dos salões, mostras e publicações, a exposição Cores do Interior, juntamente com o VI Salão Dorian Gray (este compreendendo a produção da região metropolitana), materializam a pretensão de um grande Salão Estadual. Pretensão expressa no fato de que a mostra traz representantes de cada uma das regiões do Rio Grande do Norte. Estando aqui seu primeiro mérito a ser destacado e, portanto, o primeiro elemento a partir do qual podemos pensar.

A primeira questão que se coloca e é aquela sobre os critérios de seleção. Como aponta Dione Caldas, e como tem sido comum nas ações da Sociedade, o critério foi o da inclusão. Boa parte dos artistas tendo sido selecionados na condição de “representantes de cada município” – por vezes por indicação do gestores municipais. Aqui nós temos uma ideia fundamental que é aquela de “representatividade”, que comporta desde já uma série de possibilidade de investigação sobre os valores críticos que tornam certas produções e artistas representativos de determinados espaços e universos simbólicos.

O conjunto das obras, em sua diversidade e abrangência, também nos revela um universo específico de suportes, técnicas e temas, também eles relacionados a conceitos e valores sobre a arte. O que se revela de suma importância para o entendimento de uma certa cultura visual e material relacionada às artes plásticas do estado, parte dela alimentada por uma certa ideia de “Nordeste”.

Outro ponto a ser observado é que através dessa mesma pretensão inclusiva, abrangente, e da manutenção desse tipo de iniciativa, a Sociedade Amigos da Pinacoteca vai ajudando a constituir um determinado sistema de arte, que dá visibilidade a uma vasta gama de produções, abre a possibilidade para revelar talentos, e integra essas produções ao mercado, ao colecionismo e à construção de memórias e narrativas visuais, sobretudo por meio das suas publicações.

Questões aqui postas, como dito, ao futuro pesquisador, a quem caberá costurar os canais que atravessam esse conjunto de obras e compreender as articulações entre critérios, obras, exposição, curadoria, mercado e colecionismo, na constituição de futuras histórias da arte.

Mas há um outro aspecto relevante dessa mostra que nos fornece pistas para sua compreensão: a homenagem que ela presta a Antônio Roseno de Lima (1926-1998), norte-rio-grandense, artista autodidata radicado desde a década de 1940 em São Paulo (por vinte anos na Favela “Três Marias”, em Campinas), que, no final da década de 1980 teve seu trabalho descoberto pelo então professor da Unicamp, Geraldo Porto, tornando-se objeto de estudo da dissertação de mestrado do mesmo.

Depois de trabalhar como fotógrafo, Roseno teria se iniciado na pintura na década de 1950, compondo suas obras a partir das suas experiências com a fotografia, das imagens de seu universo cotidiano e dos materiais de que dispunha, a maior parte deles encontrados no lixo. Teria produzindo por mais de trinta anos sem nunca haver vendido um trabalho sequer.

O encontro com o professor Porto inseriu sua obra no âmbito acadêmico e também no circuito da arte, a partir de então compreendida e admirada no universo daquilo que se denomina, desde a década de 1940 na Europa, de “arte bruta”. Uma arte que, apesar da variedade de termos, pode ser tomada com aquela produzida por criadores que estão fora das influências e demandas do sistema de arte (formação, mercado etc.), que responde a uma motivação intrínseca e se vale muitas vezes de materiais e técnicas improvisadas.

Os méritos do trabalho de Roseno já estão muito bem ressaltados pelo professor Porto, e do reconhecimento da obra dá provas sua presença em importantes coleções no Brasil e Europa, assim como seu lugar no livro *L'ART BRUT* de Lucienne Peiry, editado na Suíça, que traz um pintura de Roseno na sua capa. Cabe a nós aqui, portanto, pensar nas possíveis relações entre o universo da sua obra, que inclui a sua trajetória, e o universo da exposição que aqui o homenageia.

De início podemos identificar na proposta inclusiva e abrangente da exposição *Cores do Interior* a abertura para a produção de artistas que, por estarem fora dos circuitos de produção e consumo, não teriam outros meios de adquirir visibilidade, assim como Roseno não teve até o encontro casual com o professor de artes visuais da Unicamp.

Também no caráter inclusivo e na seleção de muitas das obras expostas, coloca-se para nós a crença no valor não só de um certo tipo de produção, mas de um ímpeto criativo, certa busca por uma arte como necessidade de expressão humana, que encontra no próprio produzir sua maior satisfação - e talvez aqui as “cores” sejam tanto do interior do estado quanto do interior de cada artista. Concepção essa que nos ajuda a entender o conjunto dos trabalhos selecionados, assim como a obra do referido homenageado.

A propósito, a busca por valores como “pureza”, “autenticidade”, “expressividade” tem marcado o universo das artes visuais desde o advento da “arte moderna”. Lembremos do quanto os artistas do começo do século XX na Europa valorizavam, por exemplo, a produção de culturas não europeias (“primitivas”), assim como de autodidatas e de crianças. Universo no qual se descobre e celebra o trabalho de um Henri Rousseau (colecionado por Pablo Picasso), e no qual se torna possível a obra de um Van Gogh e de um Paul Gauguin. No Brasil, lembremos da valorização da produção dos artesãos coloniais por parte dos modernistas, que celebram Aleijadinho. E no Nordeste, cuja própria ideia ajuda a sedimentar, o quanto passa a se valorizar a arte naif e o que se entende por “arte popular”.

Para além das digressões na história da arte - próprias daquele incontornável “lugar de fala” -, nos parece que, embora a obra de Roseno não tenha constituído critério estrito para a seleção de trabalhos da mostra, é possível afirmar que existem conexões entre esses universos, ou que ambos façam parte, de certa forma, de um mesmo universo de valores.

Por falar em “lugar de fala” - e para finalizar, que já me estendo em demasia -, deixo registrada a esperança de ter, a partir dele, conseguido explorar algumas das possibilidades interpretativas nas conexões entre a atuação da Sociedade Amigos da Pinacoteca, o conjunto de obras e textos que compõem a exposição “Cores do Interior” e a obra do artista que a mesma homenageia.

E ainda que - ou justamente porque - endereçadas ao futuro, fica também a esperança de que essas reflexões façam parte, tanto quanto possível, no universo das artes visuais, do nosso “quase-eterno” presente.

Julho/2021

Diego Souza de Paiva é doutor em História e Crítica da Arte pela Escola de Belas Artes da UFRJ.



John Lennon Artes - Baraúna - "O Hobbit"
Acrílica sobre tela - 80x60cm



Rio Xavier - Paraú - "Corpo Nu"
Óleo sobre tela - 64x43cm



Ray - Fernando Pedroza - "Alma do sertão" - Fotografia - 39x39cm



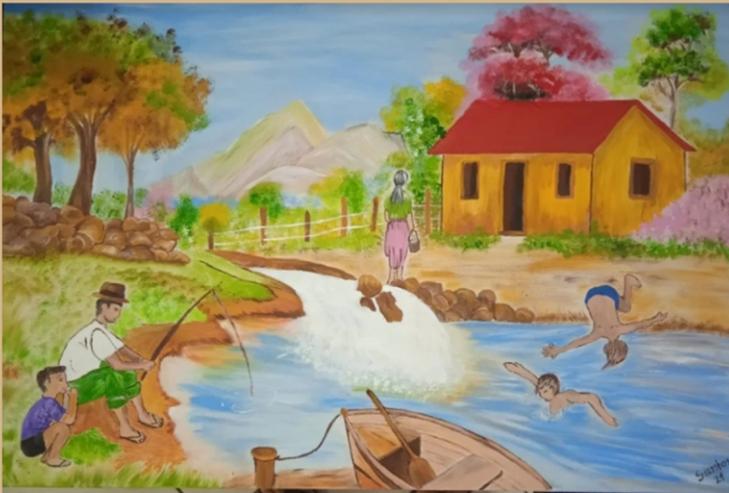
Wiliard Monteiro - Santa Cruz - "Baião Beco das almas" - Acrílica sobre tela - 90x60cm



Marvin - Tiabu - "Ponte de Ferro"
Óleo sobre tela - 30x51cm



Cigarra do Sal - Macau - "Cangulos"
Massa Acrílica - 80x80cm



Santos - Olho D'Água dos Borges
"Chácara" Acrílica sobre tela - 50x60cm



Eddy Santos - Lagoa Nova - "Escultura de
parede cabeça de Cavalo" - 80x55cm



NandaSte - Viçosa - "15 dias"
Desenho - 80x80cm



Geronimo - Touros - "Antônio Roseno"
Tela, pincel e tinta - 80x100cm



Jenyfer Lorrany - Baraúna
"A ansiedade" - Desenho - 57x42cm



Luiz - Portalegre - "Belezas da Nossa Terra"
Pintura Acrílica - 199x85cm



J. Holanda - Tibau do Sul - "A pipa te pega"
Acrílico sobre tela - 27x16cm

Eternizando o efêmero

*Dione Caldas**

A arte tem a capacidade de eternizar o efêmero, o artista traz dentro de si a necessidade de tornar real os seus sonhos e aspirações.

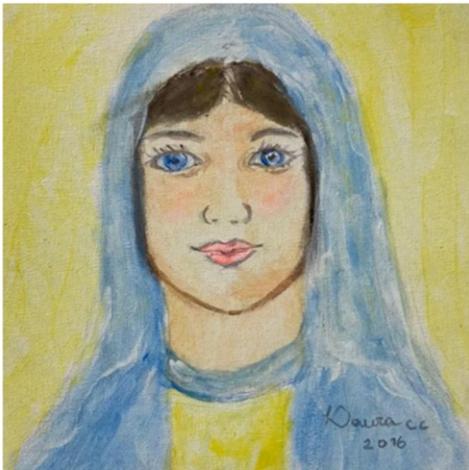
Sua criatividade o torna visível para o mundo, sinal eterno da sua existência.

A presente exposição - Festival Cores do Interior - consiste em um vasto panorama da arte potiguar, reunindo artistas de todos os recantos do estado. São 80 artistas, 160 trabalhos, desde pinturas, esculturas, fotografias, desenho, bordados, pirogravuras, vários estilos, cores e técnicas.

A mostra tem este aspecto antropológico, o de resgatar a capacidade de superação do artista popular no seu meio social, em que tudo torna-se material de criação e inspiração artística. O salão acolhe e exhibe essa força criativa para que possamos apreciar esse sentimento de permanência e realização através da arte.

Setembro/2021

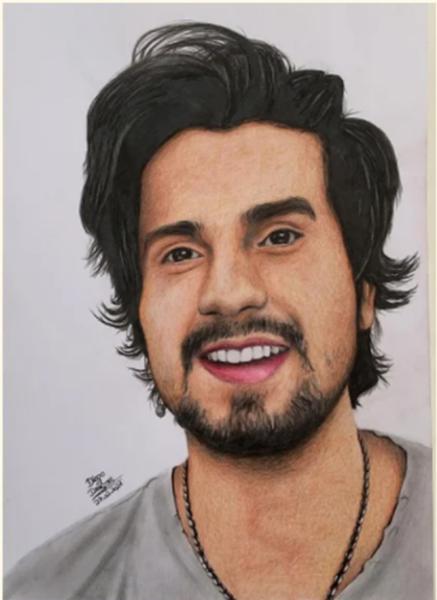
Dione Caldas é artista plástica e curadora.



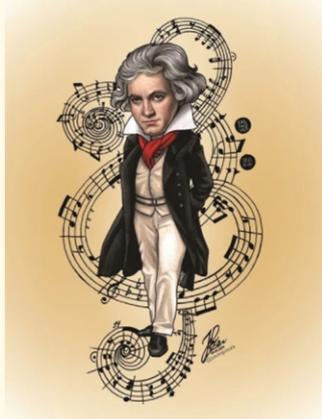
Laura de Carvalho - Currais Novos -
"Maria I" - Pintura - 28x20cm



Gildheikson - Mossoró - "Ana Rodrigues Braga"
Desenho - 32x42cm



Diogo Designer - Taipu - "Luan Santana"
Desenho - 30x21cm



Paulo Zuca - Assu - "Caricatura Beethoven
5ª Sinfonia" - Desenho - 70x60cm



Makraamei - Lagoa Nova - "Luminária/
Pendente Baho" - Instalação - 35x30cm



Luiz Morais - Pedro Avelino
"Burro, sertanejo e charrete"
Escultura - 30x50cm



Frank Fernandes
Alto do Rodrigues
"Árvore entre casas"
Pintura em tecido:
tinta acrílica
67x67cm



Fabão - Florânia - "Menino do interior" - Muralismo
300x200cm



Airton Cilon - Mossoró - "Símbolo Religioso Irmã Dulce" - Pintura sobre madeira reaproveitada - 30x25cm



Tonny Carlos - Major Sales - "Serão em cores" - Acrílico sobre tela- 77x57cm



Javan Pedro Arte - Taipu - "Personagem Naruto" - Desenho- 42x30cm



Nilson - Acari - "Pavão com flores" Acrílico sobre tela- 50x70cm



Eduardo Rocha - Mossoró - "Sutil e espesso" - Acrílico sobre tela- 40x55cm



Tâmara Batista - Timbaúba dos Batistas "Sol/Lua" - Acrílico sobre tela- 20x30cm



Gilliano - São Miguel - "Feira livre de
São Miguel" - Aquarela sobre cansón - 29,7x42cm



Irisvania Costa - Major Sales - "A resiliência do serrado nordestino" - Pintura- 43x33cm



João Santos - Tibau - "Infância Praiana" Fotografia- 177x109cm



Aleuda Santos - Macau- "Ocaso" Fotografia- 60x40cm



Theo G.Alves - Santa Cruz- "Pescadores" Fotografia- 35x40cm



Gerson Luiz - Serra do Mel - "Pôr do Sol na Serra do Mel" - Fotografia- 39,8x39,34cm



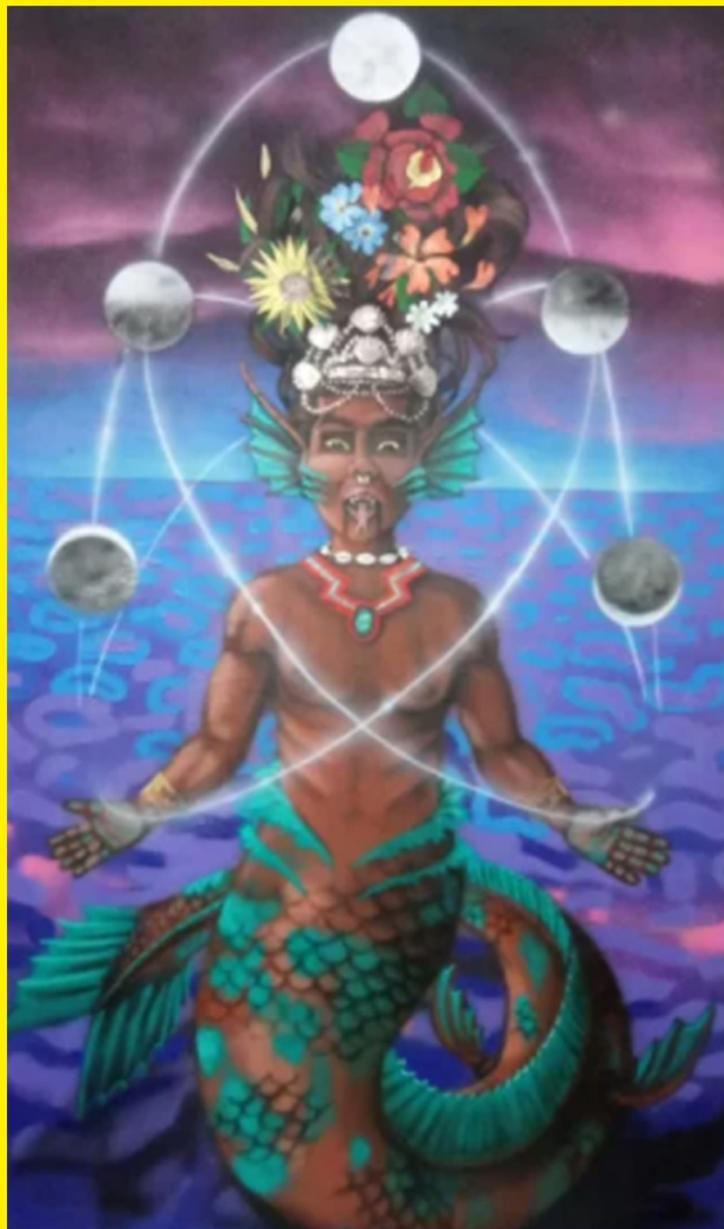
Jardía Maia - Jardim de Piranhas- "A bailarina" - Fotografia- 67x45cm



Adália Suassuna - Umarizal - "Cajuais da serra" - Acrílico sobre tela - 80x60cm



Ney Arts e Pinturas - Grossos - "Flores do sertão" - Pintura em cerâmica - 50cm



Rayron Cabôco - Mossoró - "Divindade Marítima" - Pincel e aerografia - 72x52cm



Adriano Campelo - Acari - "São Gonçalo Garcia" - Escultura - 17x1cm



Gabriel Dias - Alto do Rodrigues - "Árvore da vida" - Escultura - 30x30cm



Junivan - Patu
"Pé de Serra Noturno"
Acrílico sobre tela
50x80cm



Roberto Meira - Assu - "Bandeirinhas Juninas"
Fotografia - 38x45cm



Kércia Melo Fotografia - Guamaré
"Céu de fogo" - Fotografia - 80x50cm



Jefferson - Água Nova - "Bom Será na Caatinga"
Fotografia - 40x63cm



Luana Dantas - Poço Branco - "Barragem do sol"
Fotografia - 2448x2448



Artesão_100 - Lajes Pintadas
"Divino" - Escultura - 80cm



TS - Apodi
"Cruzeiro das missões
do Apodi"
Aquarela - 34x55cm

Zé da Prata - São Tomé - "Santa Ceia"
Óleo sobre tela - 120x70cm





Rafael Cruz
Touros - "Três marias"
Acrilica em tela - 80x100cm



Hyldson Lennon
Janduís
"Encontro de coqueiros"
Pintura em PVC - 40x40cm



Jan Ferreira - Equador - "Vida no campo"
Acrílica sobre tela - 40x50cm



Messias - João Câmara - "Juliette BBB"
Desenho - 30x40cm



Vanessa Pereira
Timbaúba dos Batistas
"Dália Negra do Sertão"
Acrílico sobre tela
55x33cm

Nunes - Alto do Rodrigues - "O gato
e a Lua"- Acrílico sobre tela - 50x40cm



Flávio - Lajes Pintadas
"Desenho à grafite"
30x40cm



Gilvan - Assu - "Irmãs rendeiras"
Acrílica sobre tela - 100x100cm



Marisa - Nova Cruz - "Barcelos, Amazonas"
Acrílica sobre tela - 50x60cm



Goreth Caldas - Caicó - "Barco I"
Acrílica sobre tela - 65x55cm



Italo Campelo - Paraú - "Galo Campina"
Acrílica sobre tela - 60x50cm



Yuri Bessa - Florânia - "Gonzaga pregados em nossos corações" - Escultura - 50x40cm



Marina Florart - Assu
"Resistência" - 54x35cm



Naide Bessa - Mossoró
"SOPE" - Acrílico sobre tela - 80x80cm



Zé Fernandes - Santa Cruz -
"Cão e gato" - Escultura - 44x112cm



Berguinho - Grossos -
"Avestruz" - Escultura



Jailma Bordados - Timbaúba dos
Batistas - "Cores e flores" - Bordado



Brasa
Pendências
"Os retirantes"
Escultura
80x14cm



Lenilson Teimoso- São Vicente
"O casamento" - Acrílico sobre tela - 60x70cm



Edson Davi- São Miguel - "Isolamento no sertão" - Entalho em madeira - 50x30cm



Lígia- Upanema - "Sertão"
Acrílico sobre tela - 60x80cm



Gardênia Lima- Guimarães - "Luar de Guimarães"
Acrílico sobre tela - 70x100cm



Mazé - Tibau - "Garrafa de areia colorida" - Escultura



Xavier - Tibau - "Garrafa de areia colorida" - Escultura



Lpcomz - Pedro Velho - "Você vê o que você sente" - Acrílico sobre tela 29,7x42cm



Ritonio Barros - Olho D'Água do Borges "Mapa" - Pirografia - 24x10cm



BoyRapha - São Vicente "Maracajá" - Desenho - 40x30cm



Capitão - João Câmara "O mulato Júlio" Escultura 24x10cm

Navegantes de Oliveira - Macau "Garça Branca" Escultura - 60x50cm





VI SALÃO

DORIAN

Caray

de arte potiguar

Atingimos a maturidade

Manoel Onofre*

Os salões de arte têm nascedouro e forte apelo na França nos séculos XVIII e XIX. A partir deles é semeada a aproximação definitiva das artes à literatura, com o surgimento da crítica de arte. Porém, o aspecto de maior valia é, seguramente, a democratização do acesso expositivo aos artistas principiantes. Constitui-se numa fórmula em que a visibilidade é facultada a todos que se arvoram no universo criativo, resultando em um privilegiado passaporte ao complexo e matizado “mundo das artes”.

Tal construção tem decisiva importância no Brasil, desde a Exposição Geral de 1840, passando pelas variadas configurações de cruciais e vitoriosos salões, a partir de meados do século passado, como o Salão Nacional de Belas Artes, o Salão Nacional de Arte Moderna e o Salão Nacional de Artes Plásticas. Paulo Herkenhoff aporta, neste particular, o devido mérito e ressalta a importância histórica, e na construção da identidade artística brasileira: Nosso Salão foi e é uma instituição maleável. Ao longo de mais de século e meio de ação, provou sua enorme capacidade de se adaptar às novas exigências do país e de seus artistas. Sem maleabilidade de certos governantes, certos gerentes de cultura, certos representantes do mercado, certos interesses geopolíticos. O Salão abrigou as transformações estilísticas e as preocupações conceituais dos Oitocentos: nossos românticos, realistas e impressionistas, pós-impressionistas, simbolistas, positivistas, indianistas, nossos pintores do plein air estavam na Exposição Geral. Cumpriu a função política da arte de consolidação do Brasil como Estado Nação, tanto na produção simbólica de uma imagem do país quanto de uma história em comum. O Salão articulou o Brasil, de Norte a Sul, dos gaúchos como Porto-Alegre e Weingärtner ao amazonense Manuel Santiago, o primeiro pintor abstrato brasileiro já na década de 1910. Ainda que com percalços e falhas significativas, nenhuma instituição abrigou os artistas do país com a generosidade do Salão Nacional.

Pois bem, arvorando-se dessa festejada fórmula e comungando com os mesmos princípios - de democratização ao acesso expositivo e compromisso com a construção e o registro da trajetória artística potiguar, a Sociedade Amigos da Pinacoteca vem, insistente e aguerridamente, editando o Salão Dorian Gray de Arte Potiguar, já consolidado como o evento mais representativo do calendário das artes visuais do estado do Rio Grande do Norte, com imprescindíveis e necessárias atualizações, como a migração para o universo virtual, alargando ainda mais a divulgação da nossa produção pictórica, buscando sempre contemplar, no formato presencial, pousos expositivos em Natal e Mossoró, como um adendo ao fomento à participação popular.

Nesta sexta versão, o Salão Dorian Gray de Arte Potiguar atinge sua maturidade, seja pela diversidade de estilos e produções, seja pela presença dos mais aclamados artistas potiguares, ladeados por uma potente e criativa geração de novos artistas, o que pode ser descortinado no presente catálogo.

De resto, parabenizar a Sociedade Amigos da Pinacoteca e os artistas visuais potiguares que, mesmo diante de complexas adversidades, persistem em alimentar o nosso espírito com o bálsamo da arte. O homenageado, que empresta o nome ao Salão, seguramente o maior expoente das artes visuais em nosso estado, o artista Dorian Gray, não deve caber em tamanho contentamento, regozijando-se em saber, no plano espiritual, que o seu nome encarta virtuosa manifestação artística no Estado que o consagrou.

Setembro/2021

Manoel Onofre de Souza Neto é Promotor de Justiça da Infância e Juventude em Natal/RN, professor e autor de livros e artigos jurídicos e sobre arte. Frequenta cursos de formação livre em Desenho, Pintura, Curadoria, História e Crítica da Arte.



Sônia Jácome - Natal - "Severina"
Acrílica sobre papel - 47x32cm

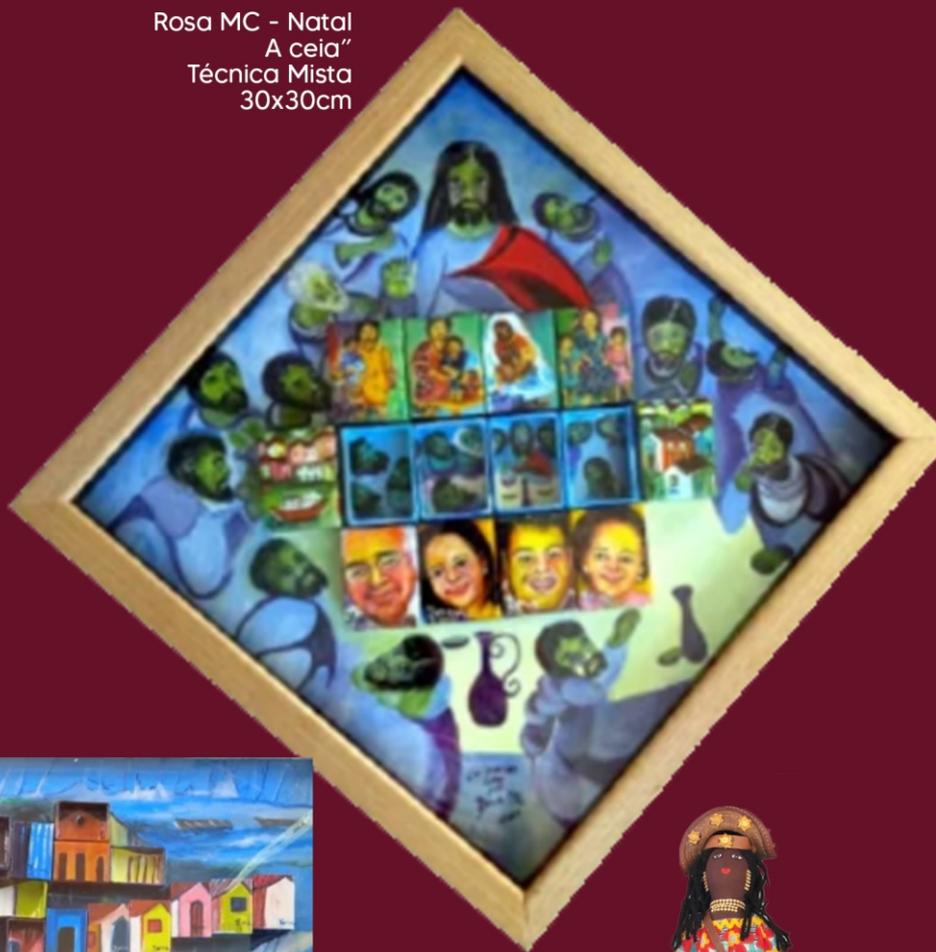


Sônia Jácome - Natal - "Ama de leite" - Acrílica
sobre papel - 47x32cm



Dilson Oliveira
Parnamirim
"Guia I"
Óleo sobre vidro
57x70cm

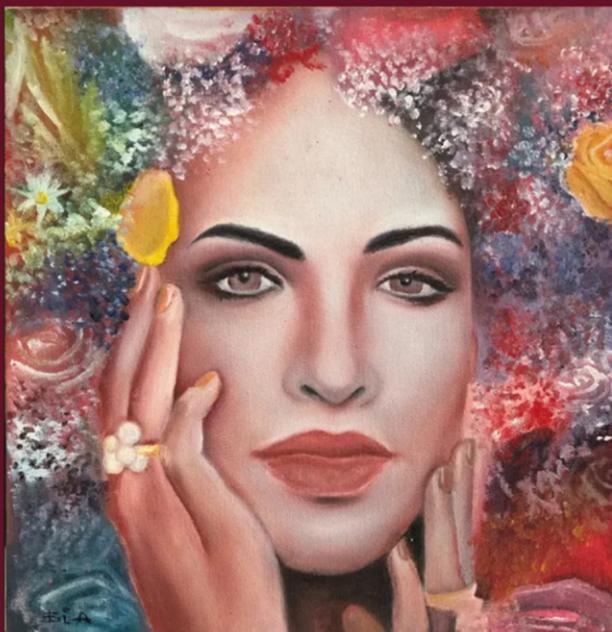
Rosa MC - Natal
"A ceia"
Técnica Mista
30x30cm



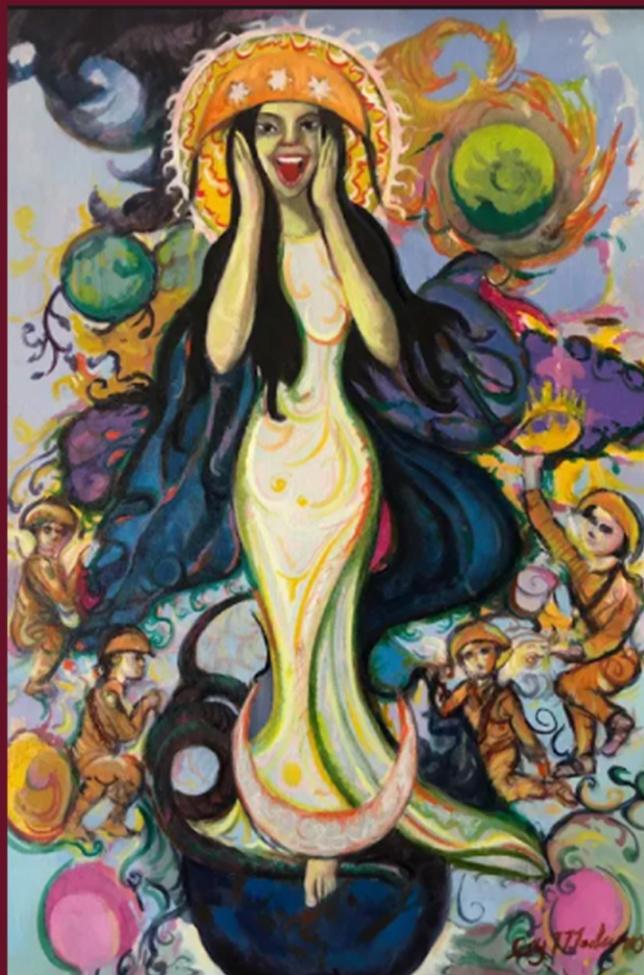
Rosa MC - Natal
"O casario"
Técnica Mista - 60x70cm



Verônica - Natal - "A dama do
cangaço" - Escultura - 58cm



SHEEP - Natal - "Deslumbramento"
Acrilica em tela - 20x20cm



Ery Medeiros - Natal - "Santa no cangaço"
Acrilica em tela - 50x70cm



Mocó - Natal - "Apaixonados"
Acrílico sobre tela - 90x120cm



Alex Gurgel - Parnamirim - "Capela inundada"
Fotografia - 90x120cm



SirPIPA - Natal - "Dai-nos proteção"
Fotografia - 60x90cm



D.Paixão - Natal - "Festividades do Boi"
Acrílica sobre cartão - 80x110cm



D.Paixão - Natal - "O terreiro"
Acrílica sobre papel - 80x110cm

Selma
Natal
"Plenitude"
Acrílica sobre cartão
40x60cm



Selma
Natal
"Luar em azul"
Acrílica sobre cartão
40x60cm

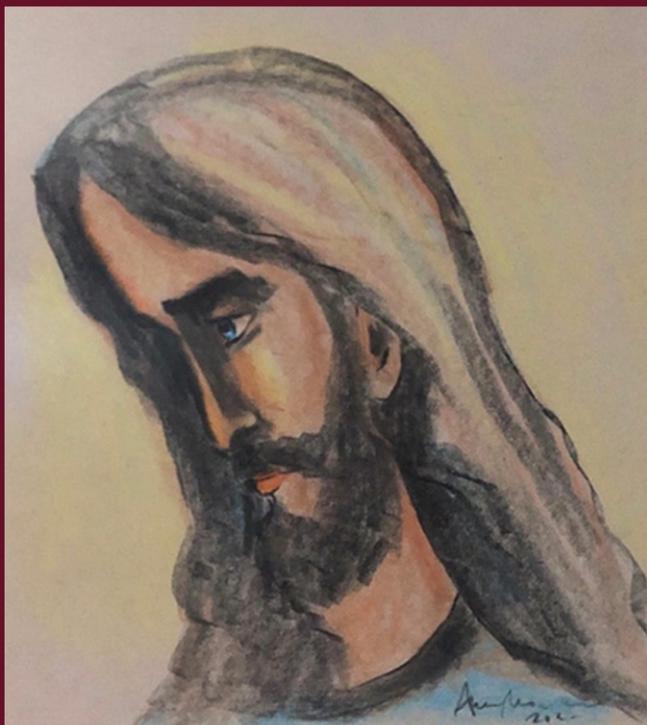




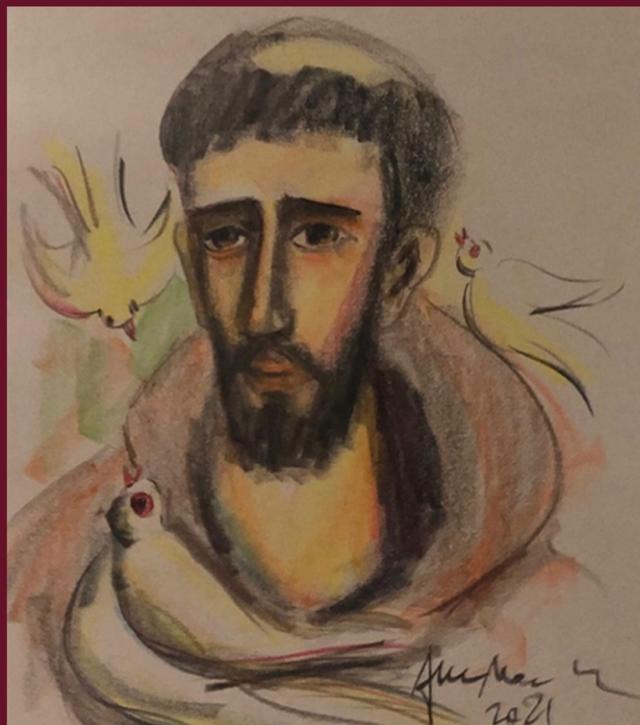
Carlos Gondim - Natal - "Açude do povoado Cruz/RN" - Acrílico sobre tela - 60x80cm



Júlio Siqueira - Ceará-Mirim - "Apathea" - Óleo sobre tecido e madeira - 79x58cm



Assis Marinho - Natal - "Jesus Cristo" - Acrílico sobre cartão - 120x120cm



Assis Marinho - Natal - "São Francisco" - Acrílico sobre cartão - 120x120cm



Francisco de Assis - Natal - "A fila na Covid"
Aquarela sobre papel - 28x45cm

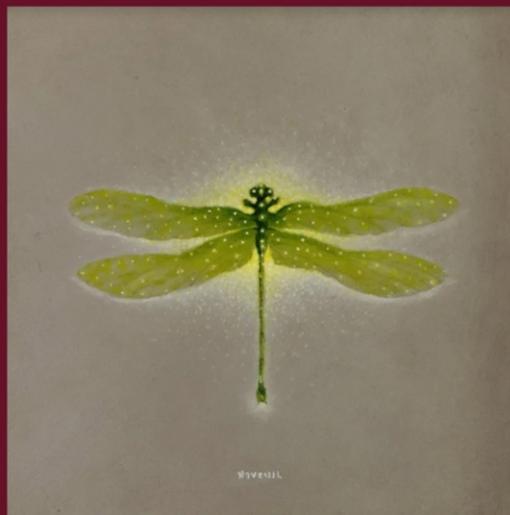


Edydeus - Natal - "Dama da corte"
Acrílica sobre tela - 60x80cm

João Maria Alves - Natal - "Boas Festas"
Fotografia - 30x40cm



Ivanise - Natal - "Pastoril"
Acrílica sobre tela - 60x70cm



Novenil
Ceará-Mirim
"Libélula"
Acrílica
sobre tela
40x40cm



Cleiton Galdino - São José de Mipibu
"Stan Lee" - Desenho - 29,7x21cm



Renato Monte - Natal - "Cavalo
Marinho" - Desenho - 30x42cm



Fábio Di Ojuara - Natal - "Fauna
Potiguar" - Técnica Mista - 70x120cm



Sarah Fernandes - Parnamirim
"Menino que queria ser marinho"
Aquarela sobre cartão - 25x33cm



Lucas Marques - Nísia Floresta - "Raposa
na neve" - Desenho - 29,7x42cm

Felipe Bezerra
Natal - "Rosas
da vida"
Escultura
35cm



Marina
Pantoja
Natal - "Flor
de mandacaru"
Escultura
50D



Gigio Almeida - Natal
"O ovo de dragão
potiguar 3D"
Escultura - 8x15x20



Edvaldo Santiago
Ceará-Mirim - "História
do Rio Grande do Norte"
Escultura - 35x35cm



Clarissa Torres
Natal - "corAÇÃO"
Acrílica sobre cerâmica
40x20cm

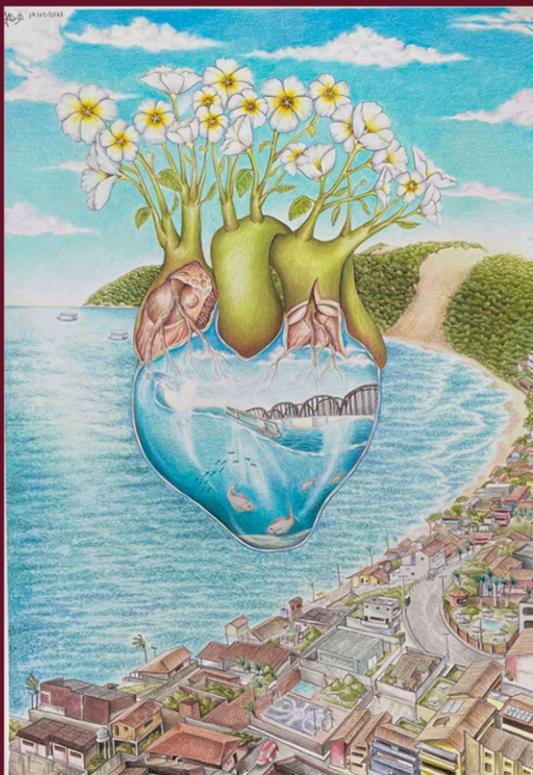




Marcelo Bittencourt - Niterói/RJ - "Visita Mirante Sunset-Pipa" - Óleo sobre tela - 40x60cm



Alan Magalhães - Natal - "Tartaruga marinha" PVA sobre tela - 40x40cm



Polvo que pinta Natal - "Flor da resistência" Desenho 30x21cm



Polvo que pinta Natal - "Lesão ao hipotálamo" Desenho 30x21cm



Carlos Onofre
Natal - "Boy
grisalho" - Acrílica
sobre tela
30x40 cm

Carlos Onofre - Natal - "Homem com chapéu"
Acrílica sobre tela - 40x50cm





Denise Braga - Natal - "Celebração"
Acrílica sobre tela - 80x80cm



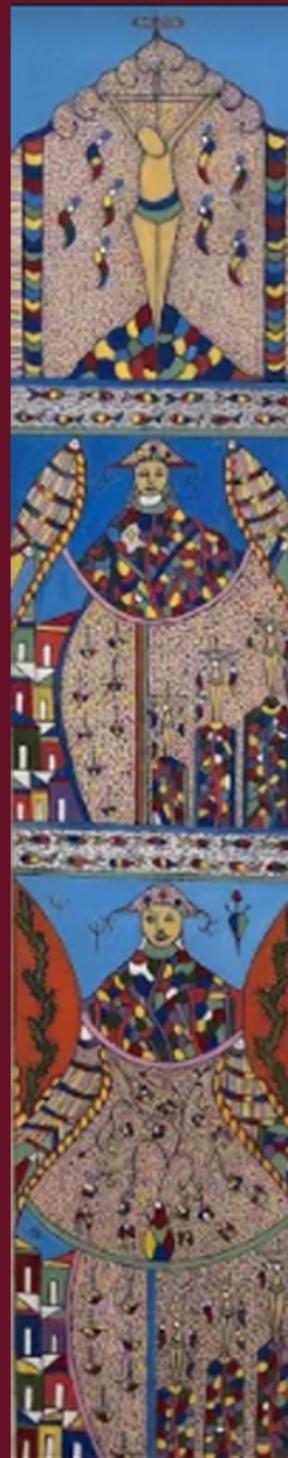
Cistian Miranda - Natal - "Corpo
Transviado III" - Acrílica sobre tela
30x40cm



Caju Mancha - Extremoz - "Pente
Vermelho" - Acrílica sobre tela
50x70cm



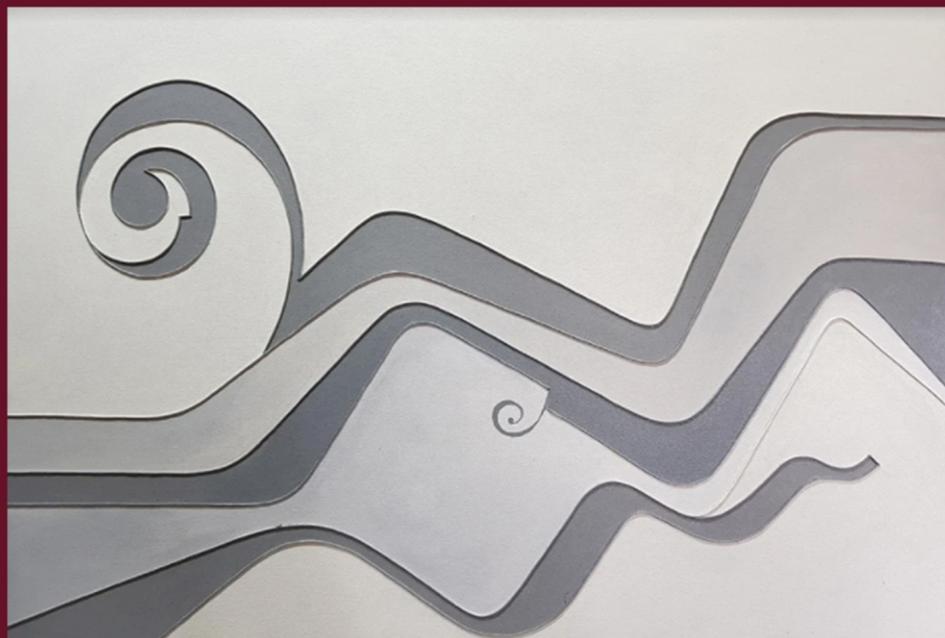
Magnozy
Macaíba
"O Yogi"
Técnica Mista
70x115cm



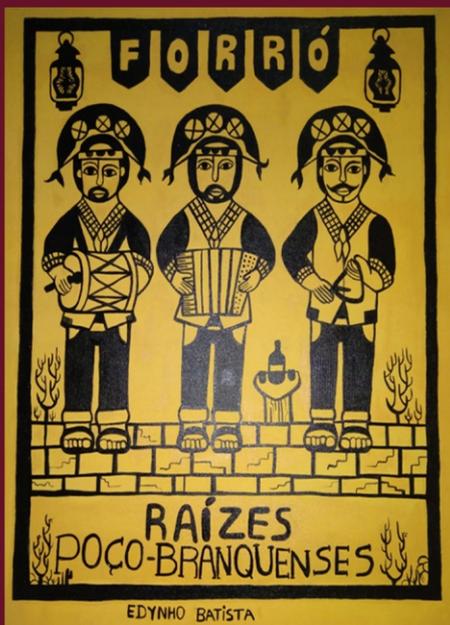
Jotó - Natal
"Celebração
de fé e paixão"
Acrílica sobre
tela - 14x65cm



Andruchak
Natal - "Andruchak
Número 3"
Técnica Mista
50x70cm



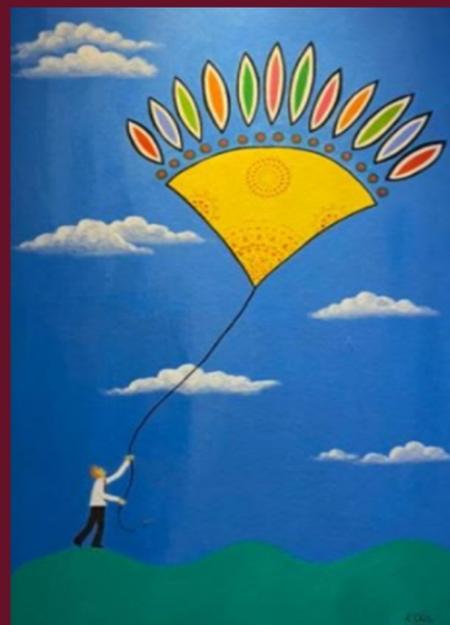
Andruchak
Natal - "Andruchak
Número 6"
Técnica Mista
90x60cm



Edynho Batista - Poço Branco
"Farró Raízes Poçobranquenses"
Acrílica sobre tela - 50x60cm



Alcino Fernandes - Natal
"Necropolítica da fome" - 42x29,7cm



Kais Mabelli - Natal
"O homem que leu Schopenhauer"
Acrílica sobre tela - 50x80cm



Tonny - Parnamirim - "Afazeres"
Acrílica sobre tela - 12x20cm



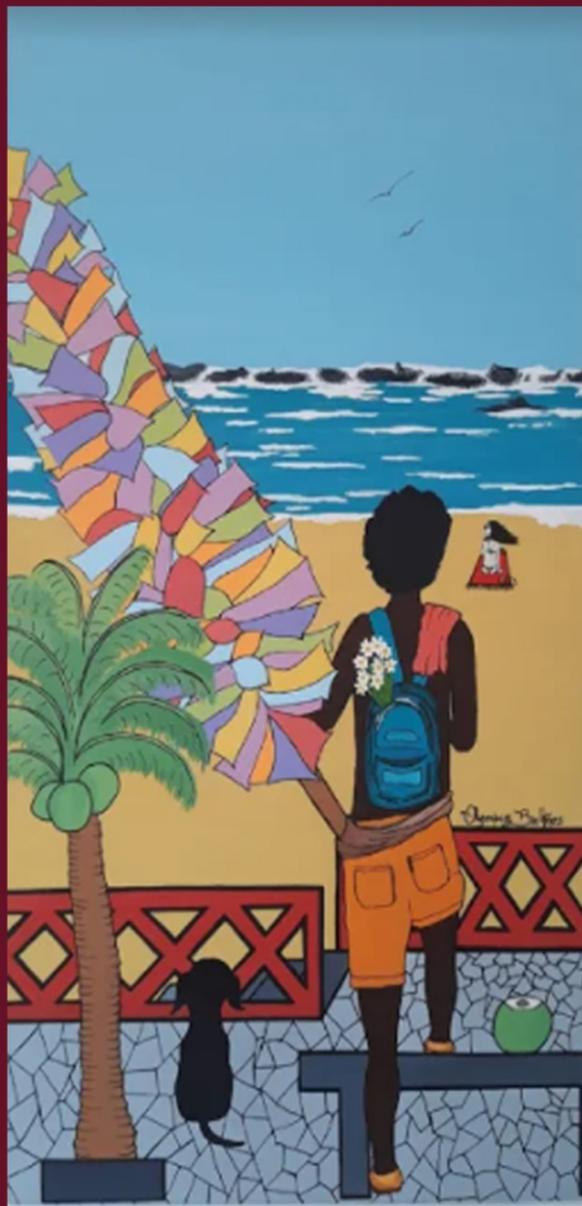
Claudia Lange - Ares - "Vaqueiro perseguindo vaca"
Acrílica sobre cartão - 42x69cm



Girotto - Natal - "Morangos Silvestres"
Acrílica sobre tela - 60x80cm



Girotto - Natal - "Sarabanada" - Acrílica sobre tela - 60x80cm



Olympia Bulhões - Natal - "Vendedor de algodão doce"
Acrílica sobre tela - 60x30cm



Sarah
Fernandes
Parnamirim
"Passara
Guilhermina"
Acrílica sobre tela
15x22cm



Arthur Carvalho - Natal
"Redoma" - Técnica Mista
85x60cm



Alexandre Ribeiro - Natal
"São Francisco contemplativo"
Acrílica sobre cartão - 32x50cm



Carla Fenix - São José do Mipibu
"A cangaceira" - Desenho
20x40cm



Lee Vieira - Natal - "Os fortes"
Técnica Mista - 42x29,7cm



Lee Vieira - Natal - "O carnabeco"
Técnica Mista - 42x29,7cm



Arlete Silva - Assu - "O portal"
Óleo com espátula - 80x60cm



Felipe Alves
Nova Olinda/CE
"Des-Voto"
Fotografia
38x50cm



Flávio Freitas - Natal - "Ponta Negra e seus encantos" - Acrílica sobre tela - 80x200cm



Valderedo - Natal - "Percussionista" - Acrílica sobre tela - 70x90cm



Isabelle Marina - Natal - "Reflexões na contemporaneidade" - Óleo sobre tela - 60x80cm



Edynho Batista - Poço Branco - "Primores do Agreste Potiguar" Acrílica sobre tela 30x40cm



Túlio Fernandes - Natal - "Exuberância"
Acrílica sobre tela - 90x90cm



Jéssica Joyce - Recife/PE
 "The Time" - Técnica Mista
 29,7x21cm



Edrisi e Jotó (obra executada
 em parceria) - Natal
 "Talismãs" - Instalação - 25x48cm



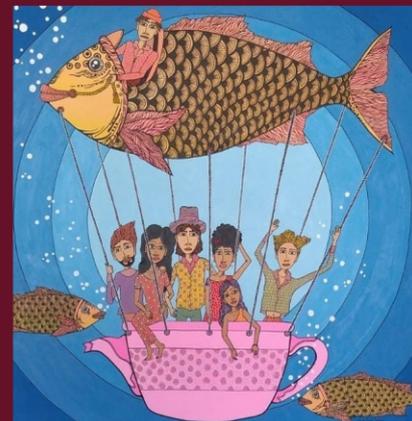
João Andrade - Natal - "Vou-me
 embora pasárgada" - Acrílica
 sobre tela - 100x70cm



Hermann Gurgel - Natal
 "Sonhos do encantamento"
 Acrílica e marcadores sobre
 tela - 70x80cm



M. Souto - Natal - "Sem título
 (composição n. 03)" - Acrílica,
 spray e marcador sobre tela -
 100x100cm



Carlos Sérgio Borges - Natal
 "Arte, Amor, e doação" - Acrílica
 sobre tela - 100x100cm



Edilson Araújo - Natal - "Amanhecer no sertão Potiguar"
Acrílica sobre tela - 30x40cm



Ery Medeiros - Natal - "Psicodelia" - Acrílica
sobre tela - 50x100cm

Divaldo - Parnamirim - "Clássico no arena"
Acrílica sobre tela - 40x60cm



Divaldo - Parnamirim - "Boi de reis"
Acrílica sobre tela - 70x80cm



Nivaldo - Parnamirim - "Reisado"
"Acrílica sobre tela - 90x120cm



Nivaldo - Parnamirim
"Festas populares" - Acrílica
sobre tela - 70x100cm



Jussara Santos - Natal - "Cavalgada"
Arte de Adesivar (retalhos de adesivos
vinílicos) - 39x62cm



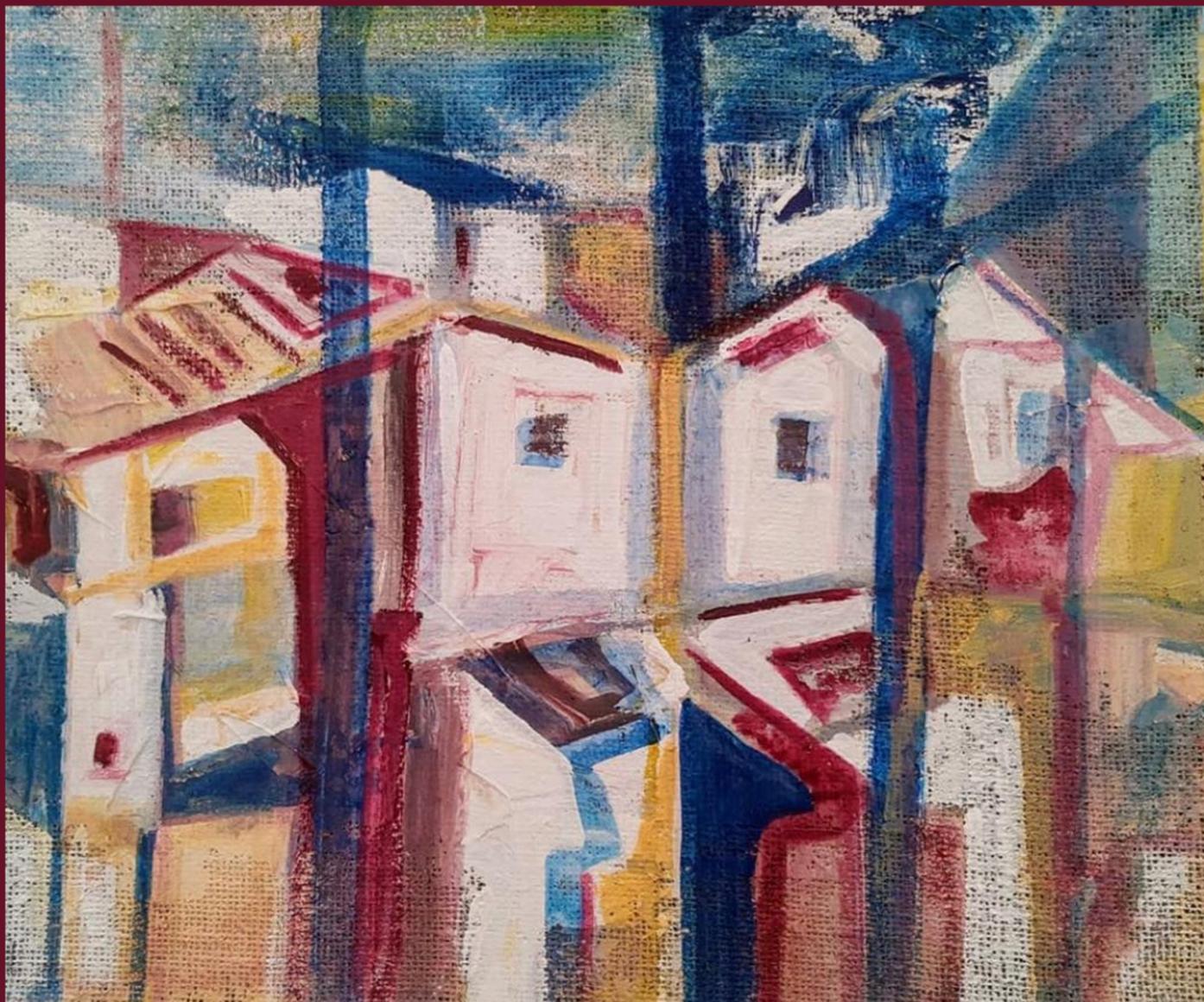
Jotó Gomo - Natal - "O forró" - Acrílica sobre tela - 40x80cm



Arthur - Natal - "Farol das Astralidades" Acrílica sobre tela - 80x110cm



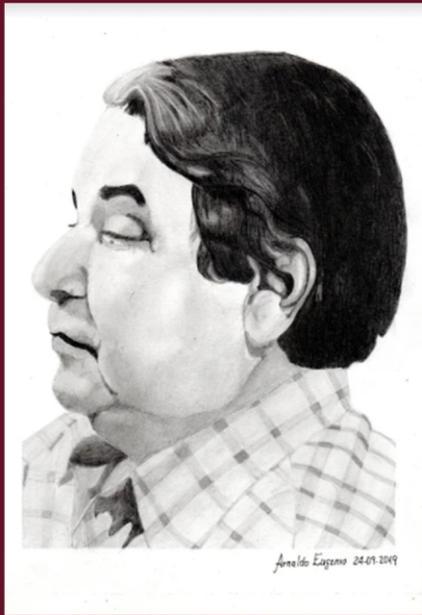
Jotó Gomo - Natal
"O trio nordestino"
Acrílica sobre cartão
40x80cm



Dione Caldas 2019 - Natal - "Casario"
Acrílica sobre cânhamo - 50x60cm



Kari Rolim - Natal - "Ariana Grande"
Desenho - 29,7x21cm



Arnaldo Eugênio- Taipu - "O maestro
taipuense K-Ximbinho" - Desenho
29,7x21cm



Nil Morais - Natal - "Gol" - Óleo sobre painel
80x100cm



Artur- Natal - "Signos Família
Soares Pinto" - Pirografia em
MDF - 48,5x50cm



Rebeca Lima Leite- Natal
"Cores de Frida" - Técnica
Mista - 41,5x30cm



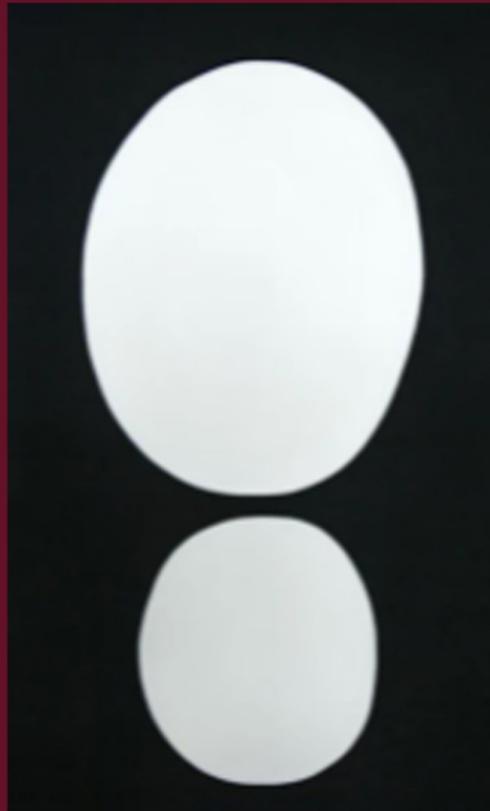
Miriam Carrilho - Natal - "Folhas esparsas" - Acrílica sobre tela
100x120cm



Eduardo Alexandre (Dunga) - "Água: O peso da escassez, 2020" - Fotografia sobre MDF
40x60cm



Marília Bulhões - Natal
"Formas Orgânicas"
Óleo sobre vidro
122x91cm



Marília Bulhões - Natal
"Vislumbres"
Acrílica sobre tela
152x91cm



Katia Fleischmann
Gov.Dix-Sept Rosado
"Caravana Sertanejo"
Escultura - 72x52cm

